

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Estrangeirismos: a mudança linguística

GISLENE MODESTO DE OLIVEIRA

**PONTES E LACERDA – MT
2011/2**

GISLENE MODESTO DE OLIVEIRA

Estrangeirismos: a mudança linguística

Monografia de Conclusão de Curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.
Orientador: Prof. Dr. José Leonildo Lima

PONTES E LACERDA – MT
Novembro/2011

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Orientador : Prof. Dr. José Leonildo Lima

Examinadora: Prof^a Ms. Ana Maria Macedo

Examinadora: Prof^a Ms. Mariana Ribeiro

*Dedico este trabalho aos amores
da minha vida: Meus pais Geraldo e Maria
de Lourdes, a minha filha Hellen Karolyne
e ao meu querido esposo Sidney.*

AGRADECIMENTOS

A DEUS

Agradeço a Deus por ter me ajudado a concluir este curso por ter me dado fé e paciência para percorrer esta trajetória.

AOS MEUS PAIS

Agradeço ao meu pai Geraldo e a minha mãe Maria de Lourdes por terem me ensinado o caminho a seguir. A você mãe por sempre nos momentos difíceis ter me incentivado a prosseguir, pelas intercessões feitas por mim. Sem a sua ajuda eu não teria alcançado esta conquista. Sei que esta vitória não é só minha, mas sua também!

AOS MEUS IRMÃOS

Vanderli e Cristiano por terem acreditado no meu sucesso nos estudos, pelo carinho e pela compreensão. Amo vocês maninhos!

AO MEU AMOR SIDNEY

Por compreender a minha ausência e por ter me incentivado quando pensava em desistir. Sem a sua ajuda, sem a sua compreensão eu não teria alcançado esta conquista. Obrigado pelo companheirismo, pelo carinho. Te amo muito meu amor!

A MINHA FILHA HELLEN KAROLYNE

Minha companheirinha, ainda no meu ventre já me acompanhava nas aulas! E depois tão pequenininha tinha que assistir às aulas de Libras comigo. Desculpa-me filha pelo transtorno nas viagens e pela ausência quando era necessário! Eu te amo muito minha princesinha!

EM ESPECIAL

Ao meu orientador professor doutor Lima, obrigado por ter me ajudado na conclusão deste curso, pela paciência e dedicação em me ajudar com o trabalho monográfico. Não poderia deixar de agradecer também as minhas queridas amigas Márcia e Regiane pela amizade, pelo companheirismo e compreensão pelas inúmeras vezes que me acolheram em suas casas, pelas conversas jogadas foras. As minhas amigas irmãs Débora e Alcione, companheiras sempre presentes nas viagens, nos trabalhos, nunca vou esquecer de tudo que passamos juntas, as dificuldades, as lutas, as vitórias, as conversas de madrugada na volta da faculdade para casa. Eu só tenho a agradecer a vocês minhas amigas que souberam compreender-me durante essa trajetória que percorremos juntas. A todas vocês o meu muito obrigada!

*Em termos de lingua, ainda vivemos
culturalmente numa fase pré-científica e,
portanto, dogmática e obscurantista .
(Marcos Bagno)*

Resumo

O presente trabalho discute sobre a questão dos estrangeirismos e dos empréstimos na língua portuguesa como um fato recorrente, visto que os estrangeirismos são alvos de ataques por parte daqueles que acreditam que eles podem descaracterizar o nosso idioma. Nossa proposta é mostrar o funcionamento de algumas palavras estrangeiras retiradas da revista Vogue e que estas não constituem uma ameaça lingüística, mas sim como uma variação da língua portuguesa.

Palavras chaves: Estrangeirismos, empréstimos, variação, língua portuguesa.

Sumário

Introdução.....	10
Capítulo I	
1. Referencial teórico.....	11
1.1 Estrangeirismos e preconceitos lingüísticos.....	14
Capítulo II	
2. Metodologia.....	21
Capítulo III	
3. Análise.....	22
3.1 Estrangeirismos e a língua materna.....	22
Considerações finais.....	30
Referências.....	31
Anexos.....	32
Anexo 1	33
Anexo 2	34

Introdução

Assim que ingressei na faculdade, ainda no primeiro semestre me apaixonei pelo assunto sobre os estrangeirismos. O professor Lima que na época era professor de LPT sorteou alguns temas para produzirmos nosso primeiro artigo, eu fui sorteada com o tema sobre os estrangeirismos. E para a elaboração do artigo proposto pelo professor tive que fazer algumas leituras ainda que superficiais para elaboração do artigo e foi aí que decidi fazer minha monografia sobre o assunto quando chegasse ao oitavo semestre.

Quando cheguei ao oitavo semestre já havia decidido o tema da minha monografia, mas não sabia qual recorte fazer e foi com a ajuda do professor Lima, que me orientou a recortar o meu objeto de análise na revista Vogue.

Foi então que decidimos recortar algumas palavras estrangeiras na revista para mostrarmos o funcionamento dessas palavras no nosso idioma. Fizemos o recorte de várias frases e palavras para mostrarmos como é corrente o uso de estrangeirismos na língua portuguesa. Analisamos aproximadamente dez frases que continham palavras estrangeiras, algumas funcionando como estrangeirismos e outras como empréstimos no nosso léxico.

Para a elaboração deste trabalho, contamos com o estudo de alguns teóricos que discutem a variação da língua dentro da sociedade linguística. Dentro desta perspectiva, sustento este trabalho, fundamentalmente, nos estudos realizados por Bagno (2001; 2009; 2007), por Faraco (2001), por Melo (1972), também por Figueiredo (1928) e de textos extraídos da internet. A proposta para essa monografia é compreender/mostrar, na perspectiva da sociolinguística, como os estrangeirismos têm entrado no nosso país e de que forma estes são vistos pelos conservadores da língua.

A pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro apresentamos reflexões sobre as teorias da linguística. No segundo, mostramos a metodologia usada para a realização deste trabalho monográfico e no terceiro analisemos algumas palavras extraídas da revista Vogue mostrando o funcionamento dessas palavras estrangeiras na língua materna. E por fim concluímos este trabalho com as nossas Considerações Finais.

Esperamos contribuir com os que estejam interessados no assunto e deixamos claro que os assuntos aqui mencionados não foram esgotados e que o texto é passível de críticas e / ou sugestões.

CAPITULO I

1. Referencial teórico

O tema que será abordado - os estrangeirismos - nesta monografia é motivo de preocupação para muitos gramáticos que acreditam na existência de uma língua pura, são os chamados estrangeirismos.

Os chamados estrangeirismos são palavras ou expressões de outras línguas usadas em várias áreas do nosso cotidiano. Mais precisamente, concentram-se nas palavras de origem inglesa que estão presentes em todos os lugares. Tomemos como exemplo o caso das palavras *home banking* e *coffee break* que são palavras estrangeiras de origem inglesa e que podem desaparecer ou incorporarem-se ao vocabulário português como é o caso das palavras esporte (*sport*), clube (*club*), sutiã (*soutien*) e garçom que eram consideradas palavras estrangeiras, mas que foram incorporadas naturalmente à língua. De acordo com Bagno (2001 p, 19) “não é simples dizer o que é português puro, nem é simples dizer como algo deixa de ser um estrangeirismo e passa a ser parte da comunidade”.

Muitos gramáticos veem os estrangeirismos como uma ameaça à língua portuguesa e acreditam que exista uma língua pura, isenta de contaminação estrangeira. O filólogo português Cândido de Figueiredo (1928), por exemplo, era contra o uso de palavras e expressões de origem francesa no português, uma vez que o léxico português teve uma avalanche de palavras francesas, e acreditava que era possível o desaparecimento da língua portuguesa. Mas, o português continua vivo e dinâmico sendo a sexta língua mais falada no mundo. Muitas palavras que usamos no nosso dia-a-dia são de origem estrangeira como, por exemplo, a palavra cheque. Palavra que parece tão brasileira é de origem inglesa, inclusive na grafia. No inglês norte-americano, a palavra é grafada *check* e, na Inglaterra, ela é grafada *cheque* da mesma forma que nós usamos. Outro exemplo é a palavra “jangada” que é um termo muito usado pelos alagoanos, mas que é de origem malaia. O termo “comitê”, palavra tão usada pelos nossos políticos é uma palavra de origem “francesa” que foi aportuguesada, os franceses a grifam *comité*.

Não existe língua pura. O vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, conseqüentemente, outras línguas. De acordo com Garcez e Zilles (apud Faraco 2001, p. 20) “no português, língua de tantas invasões em cinco continentes, invadida e invasora, o que seria puro?”. Muitas pessoas

que usam estrangeirismos para imitar alguma coisa que as diferencie, não conhecem quase nada da língua de onde tomam emprestado o estrangeirismo, e seria importante que as pessoas conhecessem a origem das palavras que tomam emprestadas, ou pelo menos que soubessem o significado das palavras. Os estrangeirismos, conforme Garcez e Zilles (apud Faraco 2001, p.15) “trata-se de um fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado pelas teorias sociolinguísticas de empréstimos”. Os empréstimos são palavras que tomamos emprestadas de outras línguas que, por vezes, revigora em nosso linguajar e por vezes acaba caindo no esquecimento do nosso léxico. Conforme Garcez e Zilles (idem, p.19),

Os elementos estrangeiros que surgem do contato linguístico muitas vezes têm vida curta, como as gírias, ou são incorporados de modo tão íntimo à língua que os acolhe, pelos processos normais de mudança linguística, que em duas gerações nem sequer são percebidos como estrangeiros.

Há muitas pessoas que colocam nomes estrangeiros em estabelecimentos comerciais simplesmente por acharem bonito, sem ao menos saberem o seu significado. São escolhas linguísticas que as pessoas fazem segundo critério pessoal. Os empréstimos mais recentes são sem dúvida facilmente identificáveis de acordo com o dicionário Houaiss (2004) empréstimo é “ato de emprestar; aquilo que foi emprestado”, ou seja, são palavras que emprestamos de outras línguas como do inglês, francês, italiano e usamos na nossa língua nacional. Mas existem inúmeras palavras estrangeiras que nem vemos mais como tais como é o caso das palavras *alface*, *álcool*, *alqueire* que são palavras de origem árabe. Estrangeirismos de acordo com o dicionário Houaiss (2004), é o “emprego de palavra ou construção de língua estrangeira”. Essas palavras que mencionamos já foram consideradas estrangeirismos, mas hoje configuram como um empréstimo na língua.

De acordo com Perini (2004), “estrangeirismos são um fato da vida, e sempre existiram.”. Em inglês, “painel” para publicidade de rua é “bilboard” e não “outdoor”, “walkman” que parece palavra inglesa, foi inventada por japoneses e imposta ao mundo sem fazer sentido na sua composição. Segundo Bagno (2001, p.73) “a compreensão ou não de uma palavra nada tem a ver com sua etimologia, com a língua de onde ela procede: tem a ver com a coisa ou o fato que ela designa, com o mundo de referências ao qual ela remete”.

Por exemplo, qualquer pessoa que for ligado ao esporte, palavra de origem inglesa, saberá perfeitamente o que significa as palavras futebol (football), pênalti (penalty), gol (goal) e drible (dribble) que também são palavras de origem inglesa e que ficaram quase inalteradas no português do Brasil. Essas palavras também foram consideradas como estrangeirismos, mas configuram na língua como um empréstimo, pois foram aportuguesadas conforme as regras gramaticais da nossa língua. Outro exemplo é o da palavra banana, que os portugueses em suas viagens marítimas aprenderam na África e divulgaram pelo mundo inteiro, sem fazer modificação na sua estrutura semântica. Outra palavra também é o caju, palavra de origem indígena brasileira *aka 'yu*, que outras línguas acolheram.

Os estrangeirismos não alteram as estruturas da língua, a sua gramática, porque pronunciamos as palavras estrangeiras de acordo com as características fonético-fonológicas da nossa língua portuguesa. E como as pronunciamos da nossa maneira, para um nativo da língua inglesa a palavra fica irreconhecível. Um exemplo citado é a palavra *e-mail* que pronunciada à brasileira fica *i-mey-yu*. Isso prova que os estrangeirismos não são capazes de destruir a nossa língua.

O deputado Aldo Rebelo propôs o projeto de lei nº 1676/99 que visava à proteção da língua portuguesa contra os estrangeirismos e previa punições a quem usasse termos de origem inglesa. Segundo o artigo quarto desta lei, *Todo e qualquer uso de palavra ou expressão estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.*

Assim como existem gramáticos que acreditam na existência de uma língua pura, existem também aqueles que acham um absurdo querer legislar na vida e nos direitos das pessoas e tem como dever profissional demonstrar os erros da justificativa do projeto. O projeto que foi proposto pelo deputado federal Aldo Rabelo, deixa bem claro que o seu grande alvo são os chamados estrangeirismos que são os termos e expressões de outras línguas que estão, cada vez mais, tomando espaço na nossa língua falada e escrita. Foi um projeto que gerou muitas discussões quando foi apresentado ao Senado, colocando muitos linguistas em conflitos. Bagno (2001, p.53) escreve que somente os lingüistas têm a capacidade de propor mudanças na língua e não um deputado que “nem sequer” é um escritor, muito menos filólogo, para propor um projeto de lei dessa natureza. Segundo ele a língua é um fenômeno público, usada para a comunicação entre pessoas “assim, querer indiciar e punir quem se servir de expressões estrangeiras é de uma profunda violência” (p.53).

As palavras e expressões de origem estrangeira, principalmente as de origem inglesa, têm afetado não só o Brasil, mas o mundo inteiro. A língua inglesa é a mais falada no mundo sendo conhecida como língua internacional.

Segundo Bagno (2001, p.57),

“[...] a língua que cada um de nós pode chamar de materna é elemento constitutivo de nossa própria identidade individual, daquilo que somos. Querer legislar sobre o uso individual da língua, além de autoritário, por querer interferir naquilo que a pessoa é como ser humano, é perfeitamente inútil, já que não se pode legislar sobre o que uma pessoa vai ou não pensar”.

Querer legislar sobre o uso individual da língua é querer interferir naquilo que a pessoa é como ser humano. É querer transformar em crime o que a pessoa é e o que ela pensa. O uso de termos estrangeiros é uma mera consequência, a mais inofensiva delas. Há coisas muito mais urgentes sobre as quais fazer incidir a força da lei, como por exemplo, os problemas sociais e econômicos. São milhares de pessoas desempregadas, sem uma casa, sem direito a educação e em vez de “enxergarem” esses problemas querem legislar sobre coisas banais como o caso dos estrangeirismos.

Portanto, por mais que os gramáticos achem que a língua portuguesa irá desaparecer ela continua viva e dinâmica a estrutura gramatical é a mesma.

1.1 Estrangeirismos e preconceitos linguísticos

Aqui mostraremos o preconceito que circula em torno das palavras estrangeiras e das pessoas que fazem uso delas. A grande maioria das pessoas tem a mania de julgar por meio das formas linguísticas que cada um usa quem pertence ou não pertence a um determinado grupo social fazendo assim distinção entre os falantes da língua.

As discussões no Brasil sobre os estrangeirismos são baseadas em preconceitos recheados de sentimentos de nacionalismo e patriotismo por pessoas que acreditam que há uma só língua existente na comunidade nacional e que tal língua deveria ser protegida de ameaças externas. Faraco (2001) mostra que desde o fim do século XVIII vem-se construindo

um saber científico sobre as línguas humanas e esse saber fica por conta da Linguística que, “vem acumulando um saldo apreciável de observações e análises que corroem até o cerne tanto a reverência quase religiosa às velhas gramáticas, quanto o discurso mítico do senso comum” (FARACO, 2001, p.38).

A Linguística, conforme Faraco (2001), ainda não conseguiu fazer ressoar o seu discurso em contraposição aos outros discursos que circulam a respeito da língua no Brasil, porque a língua é circundada e atravessada por inúmeros discursos. E de acordo com Faraco (idem, p. 38) “a esses encontros e confrontos podemos atribuir a denominação de guerras culturais ou guerras discursivas em torno da língua”. No texto, fica evidente que esses dois discursos conflitantes ainda não se confrontaram num espaço público e que esse ideal democrático ainda está longe de se alcançar. Porque a Linguística permanece invisível e inaudível para a sociedade em geral. De acordo com Faraco (idem, p. 40),

E isso apesar dos seus expressivos resultados que incluem, por exemplo, um impressionante acervo de descrições do português que aqui se fala e um quadro relativamente bem delineado da complexa realidade lingüística de um país em que se fala perto de 180 línguas, somando-se ao português as línguas dos outros grupos europeus e asiáticos que participaram da colonização, e é claro, as línguas indígenas.

Como vimos, existem mais de 180 línguas faladas no Brasil e ainda existe quem ache que existe uma língua homogênea, pura. A mídia de um modo geral “apenas se faz porta-voz das matrizes discursivas do senso comum e caem sempre no equívoco de reiterar preconceitos e mitos”. (FARACO, 2001, p. 42). Mitos e preconceitos de achar que existe uma maneira correta de falar e que segundo Faraco (2001, p.45),

Deixam transparecer sua espantosa ignorância da realidade linguística nacional; operam em confusão ao não distinguirem adequadamente a língua falada da língua escrita e a língua falada formal da informal. Pior: tentam impingir, sem o menor fundamento, um absurdo modelo único e anacrônico de língua. Sustentaram-se no danoso equívoco de que a língua padrão é uma camisa-de-força que não admite variação, nem se altera no tempo.

Como vimos, para os gramáticos todas as pessoas devem falar de maneira padrão e se alguém fugir da “norma-padrão” é hostilizado como inadequado, como uma pessoa que fala errado e até acham que, por isso, o português está sendo ameaçado, em vias de extinção. Esse tipo de preconceito linguístico está ligado à gramática normativa. Muitas pessoas acham que devemos seguir a gramática como uma bússola. Se sairmos da rota ficamos perdidos e não é assim que acontece na língua. Bagno (1999) compara a língua como um *iceberg* que flutua no mar do tempo e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas a parte visível desse *iceberg*, ou seja, apenas a ponta visível dele porque não é possível descrever todo o seu tamanho. E na língua a gramática normativa quer descrever todo o *iceberg*, gerando assim o preconceito linguístico, ignorando as diferenças regionais, o grau de escolaridade das pessoas e a situação socioeconômica do país. Uma pessoa que tem o falar caipira é ridicularizada, alvo de escárnio por parte de pessoas que falam a norma-padrão, esquecendo-se do alto grau de diversidade e de variabilidade que tem o português.

A luta contra os estrangeirismos não começou com o projeto do deputado Aldo Rebelo, mas “é uma bandeira que, de tão velha, já está mais do que esfarrapada”. Ela teve início desde o final do século XVIII até os dias de hoje. Hoje o principal “inimigo” da língua portuguesa é o Inglês, mas nem sempre foi. Até o início do século XX, o grande “inimigo”, o terrível invasor, o cruel destruidor da língua portuguesa foi o Francês.

Os estrangeirismos como já vimos não são algo recente, novo no nosso idioma. Eles existem desde a colonização do Brasil e também não é recente a preocupação dos puristas em proteger a língua contra esses “invasores”. É incontestável que em todos os tempos e em todas as línguas existem mudanças lexicológicas, isso devido às relações internacionais que existem entre os países. Em 1928, os estrangeirismos já eram motivo de preocupação para muitos gramáticos da época. E Figueiredo (1928) em sua obra **Estrangeirismos**, faz um apanhado de exemplos de palavras de origem do galicismo (francês) e do anglicismo (inglês) que desde 1928, quando ele publicou a obra, já faziam parte integrante do nosso idioma.

Segundo o autor,

Mas o idioma que, em todos os tempos e hoje principalmente, mais profunda influência tem exercido no português desde a formação deste, é o francês. Alguns puristas exagerados não acreditarão talvez que são puros galicismos, mas galicismos de cabelos brancos, respeitabilíssimos, as palavras *arranjar*, *freire*, *genebra*, *moela*, *petigris*, *ferramina*, etc

Como podemos ver nesses exemplos, Figueiredo (1928) mostra que, existem palavras estrangeiras no nosso vocabulário advindo do francês que nem a percebemos mais como tal de tão enraizadas que estão no nosso léxico. Da mesma forma que elas vieram permaneceram inalteradas. Já existem outras palavras que sofreram modificações, ou seja, sofreram um aportuguesamento, como é o caso da palavra *abat-jour* que tradicionalmente o chamamos de abajur. Segundo Figueiredo (1928, p.11) “a verdade, porém, é que não temos necessidade sequer do mascarado estrangeirismo. Em linguagem nossa, temos, para o mesmo uso, sombreira, quebra-luz, pantalha, bandeira” que corresponde ao mesmo objeto chamado de abajur. De acordo com ele os estrangeirismos “[...] no decurso dos séculos têm passado para o domínio da nossa língua e fazem hoje parte integrante dela” (p.7), ou seja, a palavra abajur foi inicialmente considerada um estrangeirismo (*abat-jour*), mas que hoje caracteriza-se na língua como um empréstimo, porque a tomamos emprestada dos franceses aportuguesando-a conforme as regras gramaticais da nossa língua.

Figueiredo também mostra exemplos de palavras advindas do inglês que foram aportuguesadas e outras que permaneceram inalteradas na língua portuguesa. É o caso das palavras sport, repórter, sandwiches, jockey, foot-ball, etc. A palavra sport, conforme Figueiredo(1928), também não é uma palavra nativa dos ingleses, mas sim um empréstimo que fizeram às línguas românicas, e nomeadamente ao antigo francês, onde havia o termo *desport* que significava recreio ou passatempo. Conforme o teórico, os franceses não tinham o privilégio exclusivo desta palavra, porque na língua italiana existia a palavra *diporto*, na língua castelhana a palavra *deporte*, e no português com o mesmo significado de recreio ou diversão a palavra *despôrto*. Como podemos ver, a língua não é propriedade exclusiva de ninguém. Ela, com o passar do tempo, muda, um país vai fazendo empréstimo ao outro e de acordo com Figueiredo (1928, p.147, 148),

Devemos, porém, reconhecer que o império da moda é superior ao do bom senso, e que, pelo menos aquém do Atlântico, pouco importa lembrar uma forma portuguesa de preferência a outra estrangeira, se esta entrou nos hábitos de certa sociedade que presume de culta. Mas em tais hipóteses, como nesta, pode em ultimo caso, se não quiserem o *deporte*, achar-se terreno neutro, em que se façam concessões recíprocas.

Se não querem recambiar o *sport* para o Tâmesa, ao menos vistam-no à portuguesa; e, como em português não pode haver palavras terminadas em *t* nem começadas por *sp*, digam e escrevam esporte, reconhecendo assim, ao menos em parte, os direitos da língua.

Outra palavra que enraizou no nosso vocabulário foi a palavra repórter que também é de origem inglesa e que, na nossa língua, conforme Figueiredo(1928,p.155), “não diz mais nem menos do que o nosso velho e simples *informador*” e que agora “difícilmente se expungiria da linguagem jornalística, e até da linguagem comum”(idem,p.154). Assim como a palavra repórter foi importada e enraizada no nosso vocabulário existem centenas de outras palavras que importamos. Algumas as modificamos de acordo com a nossa língua, outras prevalecem da mesma forma que vieram.

No percorrer deste trabalho, pretendo mostrar algumas palavras estrangeiras que são substituíveis por outra correspondente no nosso idioma e outras que não encontramos palavras no nosso léxico com o mesmo significado, com a mesma carga semântica equivalente para substituir. Neste trabalho podemos citar também um autor muito conhecido na literatura que sofreu críticas em suas obras por causa do uso de palavras estrangeiras que foi José de Alencar. Ele foi criticado por usar palavras e expressões estrangeiras advindas do francês em suas obras e diante das acusações de galicista Alencar:

afirmou convictamente que a língua não poderia ficar estacionada e que era de mister procurar ajustá-la, como instrumento dócil, á manifestação dos novos gostos, das novas instituições , das novas condições de vida. Não pretendeu criar nenhuma “língua brasileira”. Apenas chamou a atenção para as transformações inevitáveis que sofreu a língua portuguesa no Brasil. (Melo 1972, p.24).

Nesta fala de Alencar, podemos vê-lo se defendendo dos ataques dos puristas que acreditavam que a língua pára no tempo, que ela não evolui. Assim como os críticos que criticaram Alencar na época, existe hoje o deputado Aldo Rebelo que também acredita que a língua para no tempo, que não devemos usar palavras advindas de outros países, desconsiderando a nossa realidade multiétnica e multilíngue.

De acordo com Melo (1972, p.29),

É admirável como Alencar, numa época em que imperava soberana a gramatiquice, soube criticar os puristas e seus critérios contraditórios, ao mesmo tempo que avocava para os artistas das palavras sua legítima liberdade, e apelava para a lição da língua contra as invencionices dos gramáticos. Atente-se para isto: “O mais interessante, porém, é a maneira de argumentar dos puristas. Às vezes, quando se trata de uma nova palavra ou locução, repelem-na pela razão peremptória de não se encontrar nos clássicos. Outras vezes

intrometem-se a criticar dos clássicos, determinando o que se deve imitar e o que evitar”.

Nesta citação, vemos claramente que as implicações contra os estrangeirismos é uma briga antiga, uma guerra que parece que nunca vai ter fim. Quando surge uma palavra nova os gramáticos repelem-na por não acharem no dicionário da língua portuguesa ou alguma outra palavra correspondente, então se intrometem determinando o que deve imitar e o que evitar assim como fizeram com Alencar. Os gramáticos da época criticavam-no pelas muitas palavras advindas do francês encontradas em suas obras, ou então ficavam querendo dar palpites em como ele deveria usá-las. Em uma das críticas sofridas, Alencar argumenta: “se a transformação por que o português está passando no Brasil importa uma decadência, como pretende o Sr. Pinheiro Chagas, ou se importa, como eu penso, uma elaboração para a sua florescência, questão é que o futuro decidirá...” (p.168). De acordo com Alencar o futuro da língua portuguesa tem decidido pela sua florescência e não pela sua decadência como acreditam alguns.

Bagno (2001) cita alguns escritores que assim como o deputado Aldo Rebelo também acreditam que os estrangeirismos possam destruir a nossa língua um deles é o escritor Almeida Garret (1799 – 1854) em sua opinião, o francês, de tanto “perverter o caráter da nação [...] acabou com a já combalida linguagem: frases bárbaras repugnantes à índole do idioma; termos híbridos, locuções arrastadas, sem elegância, formaram a algaravia da moda, e prestes invadiram todas as províncias das letras” (p.61). Bagno também cita outro intelectual do século XVIII – XIX, o padre José Agostinho de Macedo (1761 – 1831) “que falava da ‘peste francesa’ e escreveu: Se não existisse livros compostos por frades, em que o tesouro está conservado, dentro em pouco podíamos dizer: ora morreu a língua portuguesa, e não descansa em paz”.

Agora mudou o invasor, nos dias atuais não é mais a língua francesa o grande invasor, mas sim o inglês e a “cantilena” é a mesma da época da “malária francesa” termo que as pessoas usavam para referir-se aos estrangeirismos. Os ataques continuam sendo o mesmo não mudou nada. Da mesma forma que atacavam as palavras de origem francesas (os galicismos) atacam hoje as de origem inglesa.

E conforme Bagno (2001, p.65),

É de admirar a incompetência desses assassinos da língua portuguesa: estão matando ela há duzentos, trezentos anos, e ela continua resistindo, viva, forte, falada e escrita por cada vez mais gente.

É um crime que nunca se acaba de cometer... Ou a língua portuguesa é uma fênix que renasce de suas próprias cinzas a cada cem, duzentos anos, ou então simplesmente não existe crime nenhum e ela nunca foi nem está sendo assassinada. Afinal, se o português é a língua materna de portugueses e brasileiros, será possível acusar de matricídio uma quantidade tão grande de pessoas?

A “língua não é um organismo vivo” ela não é algo que nasce, cresce, envelhece e morre, mas as línguas simplesmente mudam, ela não fica parada no tempo. Os tempos mudam e a língua consequentemente acompanha essas condições de mudança dos tempos, conforme Crystal (1987, p.70), “a língua muda porque a sociedade muda”.

A língua passa por uma sucessão cronológica das formas que configuram o sistema em diferentes momentos. São sucessões diacrônicas que marcam cada mudança linguística e que muitas vezes tem conflituosos movimentos sociais até as pessoas se adaptarem com essas mudanças. De acordo com Crystal (idem, p.70),

Deter ou controlar uma delas exige deter ou controlar a outra – tarefa que só pode ter sucesso numa proporção muito limitada. A mudança linguística é inevitável e raramente previsível, e aqueles que tentam planejar o futuro de uma língua perdem seu tempo se acreditam no contrário – tempo que seria mais bem empregado em imaginar maneiras inéditas de capacitar a sociedade para aceitar as novas formas linguísticas que acompanham cada geração.

Como podemos ver a língua acompanha as evoluções da sociedade, não há como querer deter ou controlar o uso de palavras estrangeiras, de acordo com Possenti (apud Faraco 2001, p.169) “é provavelmente um equívoco considerar o fenômeno do emprego de palavras estrangeiras como desnacionalização, por um lado, e como empobrecimento, por outro”. O uso de palavras estrangeiras no nosso vocabulário não desnacionaliza a nossa nação nem muito menos empobrece o nosso léxico como juram alguns gramáticos, mas sim contribui para o enriquecimento da nossa língua falada e escrita.

CAPITULO II

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho monográfico, foram feitas várias leituras de alguns teóricos que citei na parte teórica, além disso, utilizamos dicionários, textos da internet, entre outros.

Foram coletadas palavras estrangeiras presentes na revista **VOGUE nº 397, setembro 2011** para a obtenção do *corpus*, mostrando o uso dessas palavras no léxico português e que algumas já foram aportuguesadas caracterizando como empréstimo e outras que poderão vir a ser aportuguesadas. Foram coletadas várias palavras que compõem o corpus de análise desse trabalho.

CAPÍTULO III

3. ANÁLISE

É importante observarmos, antes de qualquer coisa, que muitas variações fazem parte da língua falada e escrita há séculos e ainda não foram aceitas por muitos dos gramáticos e estudiosos que acreditam que a língua para no tempo. A mudança linguística deveria ser vista como um enriquecimento da língua, pois mostra que ela está em uso por uma sociedade que vive em constante transformação de culturas, gostos, padrões, linguagem etc.

Observamos em nossa análise, o recorrente uso de palavras estrangeiras, principalmente de origem inglesa no nosso léxico. Neste trabalho, mostraremos como o uso de palavras estrangeiras tem crescido no mundo da moda e o funcionamento dessas palavras por meio dos empréstimos, mostrando, assim, que o uso de palavras estrangeiras não empobrece a nossa cultura como prevê o projeto de lei do deputado Rebelo, mas que, conforme Possenti (*apud* FARACO, 2001, p.169) “tomada a língua como língua, o efeito é o inverso: ela se enriquece”.

3.1 Estrangeirismos e a língua materna

Os estrangeirismos, como já mencionamos neste trabalho, são inevitáveis no uso de qualquer idioma. Deparamo-nos com eles em todos os lugares, como nas vitrines de lojas que anunciam “*sale*” (liquidação), nos restaurantes que têm “*self-service*” ou que têm “*garçon*” para servir. Enfim eles estão em todos os lugares. De acordo com Figueiredo (1928, p.5),

Uns são imprescindíveis, e fazem parte do idioma nacional; outros convenientes, e do seu discreto emprego podem advir vantagens; outros, ainda, são apenas toleráveis, e procede louvavelmente quem os dispensa; e muitos há, muitíssimos até, que só empregam por indesculpável ignorância ou por condenável desafecto à pureza da língua.

Figueiredo (1928) assumiu que alguns estrangeirismos são imprescindíveis mesmo ele sendo veementemente contra o uso de alguns no nosso idioma devido termos palavras correspondentes. Neste trabalho mostraremos algumas palavras estrangeiras que fazem parte do nosso léxico e até que ponto elas podem ser consideradas estrangeiras ou funcionarem na língua como um empréstimo.

Analisando a revista Vogue, uma revista conceituada do mundo da moda, podemos ver como os estrangeirismos estão presentes em nosso meio, no cotidiano de cada brasileiro. É comum encontrarmos na revista palavras como: *fashion, fashionistas, look, cool, fast, slow chic, lifestyle, slow food, glamour, mood, coffe tables, start, paty books, bals, pop, looks artsy-cool, show, tour, waffles, pocket show, flertou, rocker, top, spikes, street, look glam rock, color shocking, clutches, top ten, color blocking, op art, shops, match point, festa light, suéter, slim, front, patchwork, clash, styling, fresh, syren dress*. Os estrangeirismos como os presentes na revista estão invadindo cada vez mais o país. Não vemos isso como uma ameaça a língua portuguesa como muitos acham, mas sim como um crescimento da língua, pois do mesmo modo como tomamos emprestadas palavras da língua de uma nação, outros países também tomam emprestadas palavras de nossa língua. Mas o que são os estrangeirismos? De acordo com Câmara Jr.(1998, p.111), os estrangeirismos são

Os empréstimos vocabulares não integrados na língua nacional, revelando-se estrangeiros nos fonemas, na flexão e até na grafia, ou os vocábulos nacionais empregados com a significação dos vocábulos estrangeiros de forma semelhante. Na língua portuguesa os estrangeirismos mais freqüentes são hoje galicismos e anglicismos. O vocábulo estrangeiro, quando é sentido como necessário, ou pelo menos útil, tende a adaptar-se à fonologia e à morfologia da língua nacional, o que para a nossa língua vem a ser o aportuguesamento.

E para Dubois (2000, p.209) podemos considerar os empréstimos da seguinte forma:

Quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado é, por sua vez, chamado de empréstimo. O empréstimo é o fenômeno sócio-lingüístico mais importante entre todos os contatos de línguas.

Empréstimos são palavras estrangeiras que tomamos emprestadas de outras línguas, e adequamos essas palavras conforme as regras gramaticais da nossa língua, como é o caso da palavra *fashionistas*. Qualquer pessoa, independentemente do grau de escolaridade, conhecedora ou não da língua inglesa, sabe o significado desta palavra. Ela é derivada da palavra *fashion*, palavra estrangeira que significa moda e que já está dicionarizada na nossa língua. De acordo com Lima (1992, p. 200), “derivação é o processo pelo qual de uma palavra se formam outras, por meio da agregação de certos elementos que lhe alteram o sentido – referido sempre, contudo, à significação da palavra primitiva”. A palavra *fashionista* é uma palavra derivada da primitiva *fashion*, acrescentada do sufixo *-ista*. Portanto, *fashionista*, como tantas outras palavras advindas do inglês, já faz parte do nosso léxico, já incorporou-se ao nosso idioma. Por isso podemos caracterizá-la como um empréstimo.

Na revista encontramos as seguintes frases com essa palavra:

- (1) “*Fashionistas* russas ensinam como usar acessórios para o cabelo”.
- (2) “... É o que deveria fazer qualquer *fashionista* que se preze”.

Se vigorasse para o deputado Aldo Rebelo isso seria considerado crime. No projeto de lei contra os estrangeirismos ele escreve:

Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural – a língua materna –, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? Como explicá-lo senão pela ignorância, pela falta de senso crítico e estético, e até mesmo pela falta de auto-estima? (p.69).

O deputado vê os estrangeirismos como um fenômeno indesejável e considera uma ignorância, uma falta de auto-estima usar palavras estrangeiras em vez de usarmos palavras da língua materna.

Encontramos também na Vogue a seguinte frase:

- (3) “Os *looks* das passarelas mais incensadas do planeta estão apenas um *clique* do seu *closet* graças às...”

Nesta frase há várias palavras estrangeiras começando pelo lexema *looks*, palavra também de origem inglesa e que correntemente as pessoas usam-na para referir-se a roupas, trajes, vestimentas. De acordo com o dicionário eletrônico Houaiss, *look* significa visual. Como podemos ver é uma palavra que também se encontra dicionarizada, já incorporou-se ao léxico português da mesma forma que importamos, diferentemente da palavra *clique* que

sofreu mudanças morfológicas. A palavra importada era escrita da seguinte forma *click* e foi aportuguesada ficando *clique*, configurando-se como um empréstimo. Assim como a palavra *click*, temos centenas de outras palavras estrangeiras que entraram para o léxico português. O teórico Figueiredo (1928) vendo que era impossível proibir a entrada dos estrangeirismos, sugeriu que ao menos as palavras estrangeiras fossem aportuguesadas:

Temos de aceitar essas coisas, boas ou más, salgadas ou insossas, mas não como elas para cá vieram. Já que nas alfândegas não houve a fiscalização necessária, para os obrigar a deixar fora da fronteira os adereços de contrabando, apliquemos-lhes a pauta da gramática nacional, e sujeitemo-las aos bons costumes da terra.(p. 115).

Na mesma frase ainda temos a palavra *closet*, palavra também de origem inglesa que como correspondente na nossa língua temos a palavra guarda-roupa. A palavra *closet* também se encontra dicionarizada e é utilizada sem ter transformações morfológicas assim como a palavra *look* que mencionamos acima. Mas a cada dia as pessoas preferem usar a palavra *closet* ao invés da palavra guarda-roupa.

Para o deputado Aldo Rebelo usar palavras estrangeiras tendo palavras no nosso idioma correspondente é um crime! Retomemos o artigo 4º do projeto federal:

Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma de lei. Parágrafo único. Para efeito do que dispõe o caput deste artigo, considerar-se-á:

- I – prática abusiva, se a palavra ou expressão em língua estrangeira tiver equivalente em língua portuguesa;
- II – prática enganosa se palavra ou expressão em língua estrangeira puder induzir qualquer pessoa, física ou jurídica, a erro ou ilusão de qualquer espécie;
- III – prática danosa se palavra ou expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar qualquer elemento da cultura brasileira.

Embora os conservadores da língua não queiram admitir, as línguas não decaem, elas simplesmente mudam, e mudam porque as pessoas também mudam. As línguas estão em constante movimento dentro da comunidade linguística, elas não param e isso acontece de geração em geração. Empréstimos e estrangeirismos sempre existiram.

A língua sempre sofreu mudanças, nunca ficou parada no tempo. Isso porque nós falantes mudamos e, conseqüentemente, alteramos as regras de funcionamento da língua. Vamos adequando-a às nossas exigências de comunicação, modificando as regras gramaticais da língua para que novos modos de pensar e de sentir sejam expressos pelos nossos novos modos de dizer. Os puristas até admitem (e têm que admitir) que a língua mudou, não é a mesma de cinquenta anos atrás, mas eles não querem que ela continue sofrendo essas mudanças, como se a língua já tivesse chegado à sua perfeição. Eles querem que ela estagne, pare no tempo, mas ela não para.

Tanto que à entrada dos estrangeirismos na nossa língua é algo natural, decorrente da transição, das ligações culturais e comerciais que existem entre um país e outro. Para evitar que os estrangeirismos de todas as origens entrem no nosso país teríamos que “fechar as portas”, que cortar qualquer relação existente entre o Brasil com outros países, o que seria impossível.

Observando a revista encontramos palavras estrangeiras como:

- (4) “Atente para a migração das borboletas na cena *fashion* e insira-as no *look* seja em estampas ou efeitos decorativos”.
- (5) “As modelagens sessentinhas servem de base para o *color blocking* e para as estampas *op art* da vez”.
- (6) “O *suéter* conquista passarelas estreladas e vira obsessão”.
- (7) “*Patchwork*... o *clash* de estampas deixa de ser truque de *styling* para se tornar recurso de costura...”
- (8) “Mais *cool*, casual e confortável, a peça dourada sai da cena festiva e vem mais descontraída e até esportiva.”
- (9) “Não basta mais carregar a *it – bag* da vez a tiracolo. Hoje é quase mandatório para *fashionistas* e *savvy consumers* que suas bolsas tragam algo que as diferencie da multidão que tem acesso ao luxo democratizado”.
- (10) “A grife Pólo de Deauville, que traz para cá uma moda *racée* inspirada no *lifestyle* do pólo, mas com um providencial “banho” de moda”.

Na frase (4) encontramos mais uma vez as palavras *look* e *fashion*. Podemos confirmar que o uso dessas palavras já é algo corriqueiro no império da moda. A palavra *look* poderia ser substituída por visual, que é o correspondente de *look* na língua portuguesa sem que houvesse prejuízo na compreensão da frase. Na frase (5) encontramos duas palavras *color blocking* e *op art*. Essas palavras configuram na língua como estrangeirismos, pois elas ainda não foram dicionarizadas e são utilizadas sem ter transformações em suas estruturas. Se

traduzidas literalmente, ficariam assim: “As modelagens sessentinhas servem de base para o bloqueio de cores e para as estampas artísticas da vez”. Mas devido um determinado grupo de pessoas usar palavras estrangeiras para designar algo, todos os usuários da língua usam também os estrangeirismos para referirem ao significante e por isso devem ser condenadas, como propõe o projeto do deputado? De acordo com Figueiredo (1928, p.147), “devemos, porém, reconhecer que o império da moda é superior ao do bom senso, e que, pelo menos aquém do Atlântico, pouco importa lembrar uma forma portuguesa de preferência a outra estrangeira, se esta entrou nos hábitos de certa sociedade que presume de culta”. Conforme Figueiredo algumas palavras tomam preferências as outras por causa dos hábitos de certa sociedade e não devemos condenar as pessoas por isso.

Na frase (6) a palavra destacada é a *suéter*. É uma palavra de origem inglesa (*sweater*) que significa casaco, agasalho. Foi aportuguesada com a seguinte grafia: *suéter* e que já se encontra dicionarizada, caracterizando-se também como um empréstimo. Essa palavra assim como o sintagma *clique* e tantas outras palavras sofreu mudanças morfológicas para incorporar-se ao nosso léxico. A palavra *suéter* não é usada em todo o território nacional. No Rio Grande do Sul, por exemplo, as pessoas usam a palavra *pulôver* ao invés de *suéter*. *Pulôver* também é uma palavra estrangeira de origem inglesa (*pullover*). Mas por uma questão de regionalismo as pessoas daquela região preferem utilizar a palavra *pulôver* à *suéter*. Na justificativa de seu projeto, o deputado Aldo Rebelo diz que os estrangeirismos ameaçam a unidade nacional porque emperra a compreensão de quem não conhece a língua estrangeira. O fato não é verdade porque é possível a compreensão de palavras estrangeiras dentro do contexto em que estão inseridas, visto que são palavras soltas, perdidas dentro de muitas outras palavras em português. Conforme Garcez e Ziles (apud Faraco, 2001, p. 30),

Vale perguntar se seria de fato “plenamente compreensível por todos os brasileiros de qualquer rincão, independentemente do nível de instrução e das peculiaridades regionais da fala e escrita” o texto da justificativa dos projetos de lei, por exemplo, quando faz a seguinte afirmação, sem estrangeirismos: “Não se trata de xenofobia ou intolerância agir em prol da língua pátria.

De acordo com a citação, muitas pessoas independentemente do grau de escolaridade têm dificuldades em entender o projeto de lei do deputado Aldo Rebelo que se encontra escrito na língua portuguesa. Na justificativa do projeto ele escreve:

Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou

intolerância de nenhuma espécie. É preciso agir com espírito de abertura e criatividade, para enfrentar – com conhecimento, sensibilidade e altivez – a inevitável, e claro que desejável, interpretação cultural que marca o nosso tempo globalizante.

Será que todas as pessoas saberiam o que significa xenofobismo, complacência como afirma o deputado? Será que todos os brasileiros conseguem entender tudo o que é escrito na língua portuguesa? São muitas pessoas que não conseguem entender, ler um contrato, um texto mais rebuscado, sem o uso de palavras estrangeiras. Mais uma vez é desmascarada a afirmação que o deputado Aldo Rebelo faz quando diz que o uso de palavras estrangeiras dificulta a comunicação, quando a mesma às vezes é dificultada na própria língua portuguesa.

Nas frases (7) a (9) também há palavras estrangeiras de origem inglesa. Na frase (7) a palavra *cool* está funcionando como um adjetivo referindo-se à peça dourada e é caracterizada como um estrangeirismo. Ela ainda não foi dicionarizada e a usamos da mesma forma que os ingleses sem fazer nenhuma mudança na sua estrutura. A palavra *cool*, juntamente com os demais adjetivos presentes na frase, faz com que se torne possível a compreensão de seu significado. Figueiredo (1928, p.163) afirma que

(...) vários vocábulos tem a Inglaterra, dos quais nós precisamos talvez, e que ainda não lograram forma portuguesa. Em tal caso, toleram-se provisoriamente até melhor ensejo, não nos esquecendo de os sublinhar ou grifar, para lhes não tirar a marca estrangeira; Outros há que, com jeito e amor, já se poderiam ir aportuguesando, sem que se escandalize muito a estética ortográfica...

Na citação acima, Figueiredo (1928) menciona que algumas palavras poderiam ir aportuguesando como é o caso da palavra *suéter* e tantas outras. Que já foram aportuguesadas. Mas, como já mencionamos neste trabalho, quem decide isso são os próprios falantes que acolhem o que querem e descartam o que não lhes tem serventia.

Na frase (10) temos duas palavras estrangeiras: uma de origem francesa e outra de origem inglesa (*racée e lifestyle*). A primeira, em francês, significa picante e a segunda, em inglês, significa estilo de vida. Mas as mesmas ainda não se encontram dicionarizadas caracterizando assim como estrangeirismos. Como tantas outras palavras as usamos da mesma forma que importamos. Percebemos que essas palavras também têm em nossa língua outras correspondentes, mas as pessoas as preferem porque segundo Figueiredo (1928, p.182), “usadas porém discretamente, e em lugar apropriado, podem ser valioso subsídio a quem fala

e a quem escreve”. E é justamente por esse motivo que muitas pessoas usam palavras estrangeiras, muitas vezes para se destacar no meio da sociedade. Neste caso, a revista Vogue tem um público-alvo: os estilistas e os amantes da moda. Os estrangeirismos, como mostramos nos exemplos acima, têm se expandido não só na área da informática, na publicidade, mas também no império da moda como podemos constatar na revista.

Na lista de palavras estrangeiras retiradas da revista ainda temos a palavra *glamour*. É uma palavra que também se encontra dicionarizada, configurando como um empréstimo. Ela não sofreu nenhuma transformação em sua estrutura incorporando-se ao léxico português da mesma forma que a importamos. Como sua correspondente temos o adjetivo charme. Dependendo do contexto e do lugar é usada a palavra *glamour* ao invés de charme. Outra palavra também corriqueira e que ganhou espaço no léxico português é a palavra *tour*. Usada para designar viagem ou passeio breve a muitos lugares. A palavra é considerada um estrangeirismo por não haver na língua portuguesa palavra que possa substituí-la. O mesmo acontece com a palavra *front*, palavra usada para referir a linha de frente ou frente de batalha. Também não se encontra dicionarizada, caracterizando-se na língua como um estrangeirismo.

Das palavras estrangeiras que destacamos acima ainda temos a palavra *clutches*. A referida palavra é configurada como um estrangeirismo na língua portuguesa por não termos palavra correspondente. A usamos da mesma forma que a importamos. O mesmo acontece com a palavra *pocket show*, que também é configurada como um estrangeirismo. A palavra *show* estando sozinha não é caracterizada como um estrangeirismo e sim como um empréstimo. Há muito tempo ela se encontra dicionarizada e a escrevemos e a pronunciamos da mesma forma que a importamos. A partir do momento que uma palavra passa a ser aportuguesada ou dicionarizada ela deixa de ser um estrangeirismo e passa a ser considerada um empréstimo. São inúmeras palavras que ainda são consideradas como estrangeirismos na língua portuguesa, mas essas palavras não desfiguram ou descaracterizam o nosso idioma como afirma o deputado Aldo Rebelo.

Considerações Finais

Compreendemos que a língua não para no tempo. Portanto, como qualquer outro organismo vivo ela está sujeita a mudanças. Em nossa pesquisa observamos que os estrangeirismos sempre fizeram parte da vida da língua, contribuindo para o crescimento da mesma. Procuramos neste trabalho mostrar que o uso de palavras ou termos estrangeiros não afetam em nada o nosso patrimônio, mas que muito pelo contrário tem contribuído para o aumento lexical do nosso idioma.

Os gramáticos querem defender a língua portuguesa de seus próprios falantes, afirmando que a mesma está em vias de extinção, que está ameaçada e prestes a desaparecer. Simplesmente por causa de inúmeras palavras de origem inglesa e francesa que tem “invadido” o nosso país. A língua sempre sofreu mudanças, variações ela nunca ficou parada no tempo. De acordo com Alkmim (apud Mussalim e Bentes, 2001, p.33) “qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades”. Ou seja, não existe língua pura. As pessoas que acham que os estrangeirismos ameaçam a língua portuguesa se esquecem que a própria língua que nós chamamos de portuguesa é um empréstimo de Portugal que a verdadeira língua seria o Tupi, língua falada quando o Brasil foi colonizado. De lá para cá quantas mudanças, quantas variações sofreu a língua portuguesa, mas infelizmente existem pessoas que acham que essas mudanças têm prejudicado ameaçado o nosso léxico.

Na confecção deste trabalho podemos ver que os estrangeirismos não é algo recente, ele existe desde a colonização do país, e na maioria das vezes eles sofrem modificações, sintáticas, morfológicas na sua estrutura para aderir-se no léxico português e são essas modificações, essas variações na língua que caracteriza a palavra estrangeira como um empréstimo.

Portanto de acordo com Alkmim (idem, p.33) “língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.”

Referências

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística – Parte I. in: MUSSALIM, Fernanda, BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2001.
- BAGNO, Marcos, **O deputado e a língua**, Publicado no jornal de Brasília em 9 de janeiro de 2000.
- _____, **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. (Educação linguística ; 1)
- _____, **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. [ilustrações Miguel Bezerra]. - São Paulo: Parábola Editorial, 2009. il. – (Educação linguística; v.3)
- BOURDIEU, P. (1998). **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. 2º ed. São Paulo: Edusp.
- CRYSTAL, David. The Cambridge Encyclopaedia of Language, Cambridge, CUP, 1987, p.5.
- CAMARA Jr., J. Mattoso. **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro, Padrão, 1989.
- DUBOIS, Jean et all. **Dicionário de lingüística**. São Paulo, Cultrix, 2000.
- FARACO, Carlos Alberto, **Estrangeirismos guerras em torno da língua**. Parábola Editorial, São Paulo, Brasil 2001.
- FIGUEIREDO, Cândido de. **Estrangeirismos**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1928
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004
- http://www.gabrielperisse.blogger.com.br/2007_12_01_archive.html.
- <http://www.comciencia.br/reportagens/linguagem/ling10.htm>.
- HOUAISS, Antônio e Villar, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C LTDA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- Lima, José Leonildo Lima e Silva, Teresa de Pazos da. **Roteiro para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Editora Unemat, 2005.
- MELO, Gladstone Chaves de. **Alencar e a “Língua Brasileira”**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.
- RIBEIRO, J.(1923). **Grammatica portugueza**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- REVISTA **VOGUE BRASIL**. N ° 397, setembro 2011. Edições/Globo Condé Nast.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da, 1915-1991. **Gramática Normativa da língua portuguesa**; prefácio de Serafim da Silva Neto. – 31.ed. – (1º reimpressão) – Rio de Janeiro, José Olympio, 1992.
- SCHMITZ, John Robert. **A língua portuguesa e os estrangeirismos**, D.O. Leitura. São Paulo, 7 de dezembro de 1988, pp.4-5.

Anexos

Anexo I

Anexo II